

Pouco após a meia-noite em Luanda, o comando militar decide enviar para Malanje os reforços solicitados pelo comandante do BCacEv destinados a dominar a sublevação da Baixa do Cassanje, ficando apenas na capital angolana – distrito com 364763 habitantes, 250 mil dos quais residentes na cidade e subúrbios (onde na última década houve aumento demográfico de 37%) –, os seguintes efectivos operacionais: a guarnição do GACL e a do RIL constituída por 2 CCacl; 1 ERec/Dragões e a CPM233 (recém-chegada de Lisboa) com apoio de 1 PeIPM nativo; o dispositivo normal policial da PSPA reforçado pela 1^aCMP; e um DstPQ com 11 binómios cinófilos de pára-quedistas para vigilância ao aeroporto. Por volta das 02:00, todos os efectivos da 4^aCCE seguem em viaturas militares para o apeadeiro ferroviário do Bengo, onde embarcam sob comando do capitão Teixeira de Moraes rumo a leste. Coordenados com a saída destes militares operacionais para Malanje, quatro grupos de negros alucinados – grande parte jovens sediciados e com evidentes sinais de abuso recente de liamba e álcool –, preparam-se para um conjunto simultâneo de acções terroristas em diversos pontos da cidade e periferia: o grupo comandado por Francisco Imperial Santana pouco depois das 03:30 lança uma emboscada à entrada da Estrada de Catete onde forças policiais (entretanto chamadas para a cidade) são atraídas a uma cilada, que causa a morte de 4 guardas que se deslocavam num carro-patrolha da 7^a Esquadra da PSPA, dali seguindo o grupo terrorista para as proximidades da Fortaleza de São Francisco do Penedo; pouco antes das 03:50, o outro grupo comandado por Virgílio Francisco Sotomaior chega à estação-rádio da Emissora Oficial (junto à geradora do repetidor VHF-CTT a cujas instalações está anexo um posto de polícia), onde lança o primeiro foguete e tenta o assalto, matando 1 sentinela e ferindo gravemente com três projecteis o chefe do posto Manuel das Neves (cuja família reside em Santarém, que pouco depois é levado para o Hospital Maria Pia e ali sujeito a intervenção cirúrgica de emergência); enquanto isso nas imediações da rua Francisco Newton, o grupo chefiado por António Francisco avança sobre o pavilhão prisional da PIDE (anexo à cadeia da administração civil do bairro de São Paulo), 2 sentinelas da PSPA são mortalmente atingidos pelo europeu Artur da Costa Pinto e logo a seguir os guardas ripostam, logrando liquidar o chefe do bando e pôr os demais em fuga; nessa ocasião o grupo comandado por Domingos Manuel está defronte à cadeia da 1^aCMP (*Araracuaras* comandada pelo *scalabitano* capitão de cavalaria Nuno Caldas Franco Duarte), onde também sem êxito tentam o assalto e o chefe do bando cai morto; pouco depois das 04:00 junto à Fortaleza do Penedo, um elemento do grupo de Francisco Imperial Santana avança para a entrada e degola com uma catanada o sentinela primeiro-cabo bailundo Joaquim de Oliveira e Silva, procurando os restantes comparsas o assalto frontal à Casa de Reclusão Militar, cuja guarnição repele rapidamente o ataque e atinge gravemente o chefe, levando-os à debandada.

– «O grupo da frente Emissora Oficial [comandado por Virgílio Francisco Sotomaior], rebentou o foguete justamente às 03:50 mas não cumpriu o juramento, por ter sido antecipado no local e interpelado por alguém que lhes perguntara: “Quem são vocês, donde vêm?”. Daí o grupo se ter precipitado ao rebentamento do foguete, levando o chefe a avançar com vivas a Angola e ao MPLA [!], tendo depois ordenado aos seus homens a não temer nada nem mesmo os disparos, que estavam a ser vomitados sem cessar das armas automáticas de todos os agentes da polícia colonial, que aí guardavam a Emissora Oficial: foi morto um guarda e a seguir um outro [gravemente ferido] que se preparava para socorrer o seu camarada; no fim do ataque que durou algum tempo, e já a recuar, o grupo deu por falta do chefe que tinha sido atingido no braço e abdómen. [...] António Adão Samuel ficou a chefiar o grupo, tendo ordenado o recuo de todos que se dirigiram ao Rangel, passaram pelo quintalão dos CTT para aparecerem depois no local onde [...] o comandante-geral [Paiva Domingos da Silva] ordenou a dispersão do grupo, para localidades em que os camaradas se sentissem mais seguros. [...] O grupo da frente cadeia de São Paulo, que tinha como chefe António Francisco, mesmo a partir do quintalão da casa de Imperial Santana cruzou com um jipe Land-Rover (talvez patrulha da PIDE) logo na esquina [...] e por isso o grupo foi caminhando, meteu-se pela floresta dos eucaliptos que haviam sido plantados aí em frente ao Hospital [...]; já em frente da cadeia, os atacantes formaram-se em circunferência e [...] honraram o último juramento traduzido numa exortação do chefe aos combatentes de catanas em riste. [...] Logo a seguir António Francisco fez ir para os ares um foguete, que despertou os que se encontravam lá dentro da cadeia. [...] O grupo subdividira-se em dois: uma parte atacou pela frente o portão principal que dava acesso ao pavilhão da PIDE; enquanto que a outra parte ficou nas traseiras da cadeia com presos [de delito comum] pertencentes à administração de São Paulo (anos antes pertencente ao posto administrativo do Poeira). Aqui os atacantes [...] saltaram o muro de 1.5m, arrombaram o portão a partir de dentro e exigiram ao cipai [...] a entregar-lhes as chaves das celas; nunca mais as chaves andavam e dormiam com o carcereiro-mor, o David que viria [uma semana] mais tarde a ser o principal carrasco [!]? de Neves Bendinha. Os atacantes da parte da frente entraram em confronto com os polícias guardas do pavilhão da PIDE, que se viram obrigados a buscar as guaritas e outros refúgios, e daí atirar contra os atacantes que avançavam mesmo assim não se importando com nada, senão avançar para dentro e abrir as celas. Dois polícias caíram mortos aqui desta parte do pavilhão, enquanto do outro

lado foi morto o cipaio. um preto grandalhão subserviente. [...] De uma das guaritas do São Paulo sai um tiro que atinge mortalmente o chefe [António Francisco], por isso todos os combatentes se precipitaram em fuga em direcção aos eucaliptos e ao Rangel, tendo-se apurado, para além da morte dos polícias e do cipaio mortos, a recuperação de três metralhadoras FBP e duas pistolas Walter com os respectivos carregadores e munições. [...] O grupo da frente Casa de Reclusão encabeçado por Imperial Santana, [...] ao sair do Rangel em plena Estrada da Brigada [!?!], cruza com uma carrinha isolada conduzida por um colono [...] a vir da Baixa, e zás! caíram-lhe em cima com pedradas, tendo sido depois morto à catanada. [...] Junto à ex-Casa Branca no bairro Sambizanga, próximo a uma oficina de tratamento de mármore o grupo é provocado por um “catanhó” (cidadão de origem caboverdeana), que se encontrava ao lado de uma farmácia: a reacção por parte dos combatentes não se fez esperar, resultando a morte do temerário. Porém um colono que vivia aí perto mesmo por cima do prédio da farmácia, começou a fazer fogo contra o grupo que em resposta [...] partiram os vidros das janelas e montras da farmácia. Já ia o grupo a descer às barrocas do Bengo em direcção à Casa de Reclusão, [...] depara com um [...] jipe da Polícia em patrulha por aquelas paragens. [...] O grupo de Imperial Santana passou imediatamente à acção obedecendo às ordens do chefe, de aplacar e envolver o inimigo em emboscada de que resultou a morte de oito [i.e, 4] agentes da Polícia e um civil (talvez agente da PIDE), e a recuperação de três pistolas Walter e duas carabinas Mauser. Às 04:00 da madrugada rebentou o foguete junto às portas da Casa de Reclusão e a seguir a voz de mando. [...] Deste ímpeto resulta a morte imediata do guarda-sentinela à porta principal. De todo modo, [...] as chaves das portas que davam acesso às cadeias não se encontraram em parte alguma [...], uma voz esganiçada de prisioneiro ansioso fez-se ouvir a partir do interior de uma das casernas: “Venham para aqui, passem para aí, aí estará um molho de chaves... Venham!”. Supunha-se tratar-se de indicações de [Agostinho André] Mendes de Carvalho [o antigo controlador do “Grupo dos Enfermeiros” do Hospital Maria Pia, preso em 29Mar59 e sentenciado em 21Dez60]. Mas a reacção do destacamento da tropa colonial que aí se encontrava [sob comando do capitão Aurélio Seara], não se fez esperar com intenso e ininterrupto fogo que causou a morte de Adriano Mateus Domingos e imobilizou o chefe Imperial Santana, atingido com um tiro no braço direito. O adjunto Bento António avalia de repente a situação [...] que provocou uma morte e enormes ferimentos [...] como António José Gonçalves, Francisco Bandeira, Francisco Adão Mateus, António Pombal, Pombal João Neto e Domingos Pedro Físico que, sem cuidar dos seus ferimentos, ainda conseguiram socorrer o chefe Imperial levando-o [...] às barrocas sobranceiras ao Miramar. [...] Daquele lugar, com muito custo Imperial Santana buscou rastejando um abrigo que lhe parecia mais seguro, mas por volta das 10:00 de 4 de Fevereiro foi achado pela patrulha colonial, [...] conduzido ao Hospital de São Paulo, Imperial Santana sofre uma operação que lhe amputa o braço, tendo sido mais tarde levado a uma das prisões da PIDE. [...] O quarto grupo, frente 4ª Esquadra chefiado por Domingos Manuel numa composição de 25 efectivos, [...] rasgando pela floresta apareceu no bairro dos Congolezes, atravessou a Estrada de Catete e meteu-se pelas ruas do bairro da madame Berman, aí bem perto do objectivo que buscava. [...] Cumpridas as prescrições recomendadas foi o rebentar do foguete, ouvindo-se de seguida um grito aflito de um grupo disperso que vinha dos lados da cadeia de São Paulo. [...] Tomando-se de pânico, a imensa maioria dos seus efectivos começou a pôr-se em fuga mas [...] Domingos Manuel conseguiu travar a desmobilização geral e [...] arremeteu mesmo assim. [...] A reacção dos guardas da cadeia não se fez esperar, foi pronta e imediata com fogo intenso em todas as direcções, o que fez recuar o grupo deixando o chefe estendido no chão atingido mortalmente. [...] Por detrás das oficinas gráficas do diário ABC juntaram-se alguns dos efectivos do grupo: Sebastião Adão Paulo, António Adão Manuel, Adriano Adão Manuel; todos feridos mas orientados por Pedro José van-Dunem, a dirigirem-se ao Rangel para os primeiros-socorros. [...] Era já quase manhã clara, não se podia atravessar a Baixa para a cidade alta, subir as barrocas da Companhia Indígena [CCaCRL de reforço ao aeroporto Craveiro Lopes] e chegar ao campo de aviação.»¹

- «Às 03:50 da manhã, ouviu-se rebentar o primeiro foguete: era o grupo da Emissora Oficial dirigido por Virgílio Sotomaior; e simultaneamente [!?!] rebentaram os foguetes dos grupos de São Paulo chefiado por António Francisco e o da Casa de Reclusão chefiado por Francisco Imperial Santana. Todo o movimento para o ataque teve início à mesma [!?!] hora e demorou, se tanto, dez minutos. Ao balanço final, testemunham os sobreviventes do 4 de Fevereiro que “apenas entraram em choque directo com o inimigo quatro grupos”.»²
- «Na madrugada de 4 de Fevereiro, preludiando as operações, cerca da 1 hora os nacionalistas preparam uma armadilha às forças da ordem, a fim de se apoderarem das armas. Com alguns documentos, pedem à companhia da polícia móvel um carro da Polícia para intervir numa desordem simulada num bairro africano dos subúrbios de Luanda. Os soldados [i.e, polícias] portugueses, vindos numa viatura militar, são mortos e o armamento tomado. Três comandos, enquadrados por militantes do MPLA [i.e, do “Movimento dos Pauzinhos” e da UPA], partilham entre si os objectivos do ataque. O primeiro comando esbarra com a guarda da Casa de Reclusão: segue-se uma troca de tiros; do seu dispositivo de defesa no interior, elementos do Exército português ripostam e os atacantes retiram-se da prisão; os membros do comando refugiam-se nas redondezas, onde são perseguidos e mais tarde liquidados. O segundo comando, praticamente sem armas eficazes, lança-se sobre as grades de ferro da prisão de São Paulo e do posto da PIDE, enquanto o terceiro ataca o emissor da Rádio oficial. Estes dois últimos comandos saem indemnes da operação e deixam a cidade em direcção ao mato, nas regiões do norte e noroeste do país. Do lado das forças da ordem, as vítimas feitas no decurso destas operações cifram-se em sete soldados, imediatamente apresentados como mártires da “grande causa colonial”. Os seus corpos são expostos a fim de condicionar os colonos e orientar o seu ódio contra as massas.»³
- «At the beginning of February, many journalists of the world press, waiting for the arrival of the Santa Maria seized by Galvão, were in Luanda. MPLA supporters grabbed the chance and attacked the prisons, the radio station and a barracks. The story, that the Portuguese authorities threw political prisoners from planes into the sea, was the stimulus which drove almost completely unarmed Africans so far, as try to break open the prisons of Luanda with their bare hands. The time of the attack was specially chosen to focus the attention of the world on the action of the “freedom fighters”. Andrade himself [24 hours latter lies and] declared, that it was the work of the MPLA. He wanted to free his compatriots who were serving sentences there. Four groups of sixty terrorists took part in the attack, which came as a complete surprise. Although he was mortally wounded, a black policeman at a post on the outskirts of the city gave the alarm. As a result of this, the attack could be repulsed. The author returned to Lisbon in the company of a suspected terrorist who was paralysed, but was brought to Lisbon by his oppressors for special medical treatment he could not get in Angola.»⁴
- «Na madrugada de 3 para 4 de Fevereiro de 1961, três grupos armados de catanas dirigiram-se com aparente intenção de libertar os presos políticos, uns ao pavilhão principal da PIDE em Luanda, os outros dois às duas restantes prisões – Casa de Reclusão militar e Prisão de São Paulo –, destinadas aos presos de delito comum para onde haviam sido transferidos alguns dos presos políticos. Do ataque aos guardas, beneficiando do factor surpresa, resultou a morte de sete polícias, brancos e negros, o que fez a cidade acordar alvoroçada.»⁵
- «Centenas de negros atacam a Casa de Reclusão Militar e as [duas] cadeias civis de Luanda, com o objectivo falhado de libertarem presos políticos. Nos confrontos morrem quarenta [!?!] assaltantes e sete polícias.»⁶
- «Os verdadeiros patriotas angolanos devem curvar-se perante os mártires [!?!] angolanos que caíram em 4 de Fevereiro de 1961. Comunicados não oficiais falam em três mil [!?!] angolanos mortos nesse dia. Além da repressão brutal dos colonialistas portugueses, eles representam a coragem e a esperança do povo angolano. A demonstração patriótica [!?!] do 4 de Fevereiro de 1961 foi organizada por muitos militantes do MPLA [!?!], que teve até agora uma vocação burguesa e urbana. Esta tendência corresponde aos ataques às prisões de Luanda. Alguns dos militantes que estão filiados noutros grupos tomaram parte nesta acção. Para além das paixões sectoriais existe uma homenagem permanente de todos os patriotas angolanos para com aqueles que caíram.»⁷
- «Acordado pelos tiros do ataque ao forte-penitenciária, [o narrador] ficou surpreso. Ele e Simeão. Demorou tempo a compenetrarem-se de que eram tiros verdadeiros. Faltava-lhes experiência. [...] Fala-se de pessoas que tinham consciência de que estava para acontecer algo. E que eram pessoas responsáveis. [...] Está [em Fev75] por escrever a história completa. Só será possível quando amanhã os historiadores compararem as versões dos dois lados. [...] Interveio nessa primeira noite apenas a PSP em patrulhamento e no quartel da Polícia Móvel, o pessoal da circunscrição

administrativa de São Paulo e os militares do presídio. Houve mortos e feridos e sustos grandes. Como o do sargento cuja casa ficava próxima do forte. Valeu-lhe a máquina de costura a barricar a porta, as rajadas atiradas por outro sargento do alto da muralha e os reforços chamados pelo soldado negro. No quartel [do 1ºERec dos “Dragões”], o pessoal formado perdera a chalaça ou aborrecimento do costume, conforme cada um reaje ao saltar de imprevisto da cama. Todos comungaram na estupefação. Apenas o comandante [capitão de cavalaria José Maria de Mendonça Júnior] e uns quantos tinham visto os cadáveres.»⁸

Neste primeiro acto de terrorismo urbano verificado no Ultramar, os «*libertadores anticolonialistas*» causam 11 mortos (sete polícias, um militar e três civis) e 24 feridos; por seu lado fabricam 9 «*mártires*» mortos, tendo sido capturados vários assaltantes de entre eles se destacando três naturais da Metrópole, o agitador protestante Francisco Costa e outros negros activistas (que após a conspiração de Catete em 09Jun60 haviam logrado escapar às rusgas). Os sobreviventes embrenham-se nos muceques, perseguidos por militares da guarnição chefiados pelo comandante capitão Aurélio Seara. E aos primeiros alvares a notícia dos ataques corre célere em Luanda, onde a partir das 07:00 é voz corrente que «*grupos terroristas tentaram assaltar*» a Fortaleza do Penedo e a Administração de São Paulo, a Esquadra de Polícia Móvel, o Quartel junto à estrada de Catete e a antena da Emissora Oficial: «*Negros assaltaram a fortaleza do Penedo e lá em cima em São Paulo o sangue corria ao pé do Grémio; na Samba ninguém sabe de nada, mas na Boavista conta-se que aquilo esteve mau, os negros eram como nuvens de mosquitos ou salalé no tempo das chuvas; a confusão enorme, caíam uns sobre os outros, os cadáveres não tinham conto. No Chamavo [mercado do muceque Sambizanga], as notícias correm contraditórias e as notícias oficiais dão conta de nove mortos e alguns feridos. A polícia efectuou rusgas nos muceques, mas se os terroristas quisessem matar os europeus, bastar-lhes-ia atacar nos bairros limítrofes da cidade, que estão isolados e onde se dorme de portas e janelas abertas, sem medos de qualquer espécie. Os revoltosos, aos gritos “Mata, mata que Angola é nossa!”*, tinham-se lançado contra as forças de segurança, apenas munidos de catanas e de mocas». Entretanto aos microfones da rádio oficial, o governador-geral Silva Tavares aconselha calma e vigilância:

- «*A tropa está nos seus postos e o Governo Central foi informado, a única coisa a fazer é esperar. Os atacantes pretendiam soltar os presos, e exames posteriores confirmam que estavam sob efeito de drogas comportando-se como loucos furiosos.*»
- «*O 4Fev em Luanda poderá ter tido alguma ligação com o caso do paquete Santa Maria: não tanto por uma questão de apoio mútuo combinado anteriormente, mas de mútuo aproveitamento, por oportunismo, das respectivas actuações. Entre os terroristas estava gente ligada ao dr. Agostinho Neto, então já preso [em 08Jun60 e mandado para o Aljube, daqui sendo libertado em 15Out60 embarcado para Cabo Verde como funcionário dos quadros médicos do Ministério do Ultramar]. Dadas as ligações deste com o PCP, não será de excluir que o golpe, tão inesperado, impreparado e frouxo, tivesse sido desferido para, de alguma forma, mostrar apoio ao acto de Galvão; e pode admitir-se que este, dirigindo o assalto ao navio, tivesse podido pensar que, uma vez no terreno com alguns elementos da oposição local, conseguiria levantar algumas populações mercê de influências junto de colonos e de chefes tribais.*»⁹
- «*Aquino de Bragança [goês-moçambicano co-fundador do MANU] e o médico angolano Eduardo Macedo dos Santos [dirigente do MPLA], contavam [dois anos depois em Argel] que “o caboclo do Holden” seria um indivíduo sem a 4ª classe e um congolês que nem uma palavra de português falava. Em suma, um agente americano, um “gangster” dos “bas fonds” de Léopoldville, com um papel sinistro [em 13Jan61] no assassinato de Patrice Lumumba. Esse era o retrato de Holden Roberto que o MPLA divulgava entre europeus e argelinos. O que o MPLA chamava a “jacquerie” da UPA no norte de Angola, seria uma tentativa de aproveitamento de última hora para desviar as atenções da “luta armada” desencadeada pelo MPLA no dia 4 de Fevereiro de 1961. Com a citação dessa data, o MPLA reivindicava perante os argelinos e a esquerda internacional o prestígio da prioridade do início da luta armada. Além do mais, escamoteava o facto de não ter nenhum movimento de guerrilha e só militantes organizados no exterior. A indiscutível ligação de Holden Roberto aos missionários americanos que o tinham educado, servia de prova dos seus alegados compromissos com os Estados Unidos.*»¹⁰
- «*Acontecimentos no dia 4 de Fevereiro de 1961, tendo o MPLA reagido logo no dia seguinte, com um comunicado de suporte e assunção à acção daquele dia contra as cadeias em que se encontravam injustamente enclausurados vários grupos de patriotas angolanos.*»¹¹
- «*Tanto o MPLA como a UPA afirmavam terem iniciado a guerra de libertação em Fevereiro-Março de 1961. O MPLA apontaria para o calendário e os seus rivais para o impacto e as consequências. Durante os anos de 1959 e 1960 o MPLA [!?] fôra sujeito, pelas autoridades coloniais, a uma grande campanha de repressão. Grande número dos seus quadros dirigentes foi preso e a organização [!?], agora com uma chefia enfraquecida, optou por uma acção espectacular. Na madrugada de 4 de Fevereiro de 1961, cerca de 200 [!?] homens do MPLA [!?], entre filiados e apoiantes dos muceques (os bairros africanos dos arredores) atacaram, na capital angolana, diversos edifícios governamentais, designadamente a prisão de São Paulo de Luanda. Foi um gesto fútil em si e apenas veio dar origem a que a PIDE intensificasse [!?] a repressão e a que magotes de brancos lançassem ataques de represália. No entanto, assumiria uma importância mítica na história do movimento, acabando por vir a ocupar um lugar equivalente [!?] ao do ataque de Castro ao quartel de Moncada, na lenda da revolução cubana. Foi também o primeiro e único incidente significativo de actividade de guerrilha urbana, em qualquer ponto do império, durante todo o tempo de guerra [!?]. [...] No entanto, foi a UPA que realmente começou a luta armada em Fevereiro de 1961.*»¹²
- «*A partir de Conackry, o MPLA reclama o 4 de Fevereiro como o início da luta armada em Angola. A indevida apropriação foi uma ideia de Mário de Andrade, como diz o seu irmão Joaquim Pinto de Andrade, então chanceler da arquidiocese de Luanda [i.e., desde 28Nov60 com residência fixa na missão católica da ilha do Príncipe]: “O Mário disse para o Viriato da Cruz: ‘Temos de reivindicar isto’. Mas, na verdade, o MPLA nada teve a ver com o 4 de Fevereiro”. O pai do 4 de Fevereiro é o cónego Manuel Mendes das Neves, mestiço influente, vigário-geral da arquidiocese de Luanda.*»¹³

- «1965.03 - Entrevista de Luís de Almeida, representante do MPLA em Argel, ao jornal [semanário argelino] “Révolution Africaine”, considerando o 4 de Fevereiro de 1961 como “data notável na história da emancipação dos povos no mundo”.»¹⁴
- «É de todo errado dizer que em Fevereiro de 1961 existia no interior [de Angola] um corpo activo e organizado de militantes deste Movimento [MPLA]. [...] Os acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961 em Luanda, encontraram Mário de Andrade a milhares de quilómetros de distância, em Conackry. A reivindicação da autoria dessa sublevação pelo MPLA, nos anos a seguir, parece claramente uma tentativa de Neto e o seu grupo [afecto aos soviéticos] para reclamar a prioridade na luta.»¹⁵

¹ (cf “Comité de 7 sobreviventes do 4 de Fevereiro”; cit Pacavira pp.115-124); ² (Pacavira, pp.114/5); ³ (Mário de Andrade, “Africasie”); ⁴ (McGowan, “Politics of a revolt” in “Angola - a Symposium”, pp.111/65/91); ⁵ (Sambú, op.cit pp.17); ⁶ (Antunes, op.cit pp.15); ⁷ (Savimbi, op.cit pp.146); ⁸ (Barão da Cunha, op.cit pp.241/2); ⁹ (Silva Tavares, governador-geral); ¹⁰ (McGowan, op.cit pp.117/8); ¹¹ (Pacavira, op.cit pp.81); ¹² (MacQueen, op.cit pp.44,40); ¹³ (Antunes, op.cit pp.15); ¹⁴ (Afonso e Gomes, op.cit pp.578); ¹⁵ (McGowan, op.cit pp.172,119)

“Luanda, madrugada de 04Fev1961”

excerto de “Rumores de Guerra > 1961 - Cassanje e Luanda”, autoria de João Carlos Abreu dos Santos © 20Ago1994 (publicado no Portal UTW às 23:40 de 03Fev2011)